

'Nunca mandei nem procurei mandar'

Mesmo deixando a presidência do Senado e dizendo conviver mal com o poder, Sarney mantém influência no governo Lula

ENTREVISTA

José Sarney

No dia 14 de fevereiro, o senador José Sarney, tu-
do indica, entregará a pre-
sidência do Senado a Renan Calheiros. Perderá o cargo,
mas não poder. Aos 74 anos de idade, 50 deles na po-

lítica, Sarney é o mais antigo parlamentar do país. Ex-
deputado, ex-governador e ex-presidente, mantém só-
lida influência na vida nacional. É o principal interlo-
cutor do presidente Lula no Congresso. Conta com alia-
dos em cargos federais estratégicos. A filha, Roseana

Sarney, deve ocupar uma vaga no Ministério. Sarney ju-
ra que gostaria de se dedicar mais à literatura e que
não sabe mandar. E chama de intriga o rumor de que
teria mais poder no governo Lula do que teve no seu
próprio: "Nunca mandei nem procurei mandar".

Lydia Medeiros e
Adriana Vasconcelos

O GLOBO: Qual o segredo da
longevidade política?

JOSÉ SARNEY: Deus me deu a
graça de uma vida longa e, como
sou político, essa vida longa me
manteve até hoje na política.
Quando entrei para a Academia
Brasileira de Letras, disse que a
política só tinha uma porta, a de
entrada. Continuo na política,
mas não tenho uma boa convi-
vência com o poder. Nunca me
deu o sentimento de plenitude
que me dá a literatura.

**Mas o senhor está no poder
há muitos anos.**

SARNEY: A grande coisa que
dizem que o poder tem é man-
dar. E eu não sei mandar.

**Na presidência da República
o senhor não teve de mandar?**

SARNEY: Não, eu coordenava
o governo.

**Qual a maior dificuldade
nesses anos?**

SARNEY: Toda vida pública
tem dias em que as flores mur-
cham, os espinhos crescem, e

tem dias de grande alegria.

Qual a maior alegria?

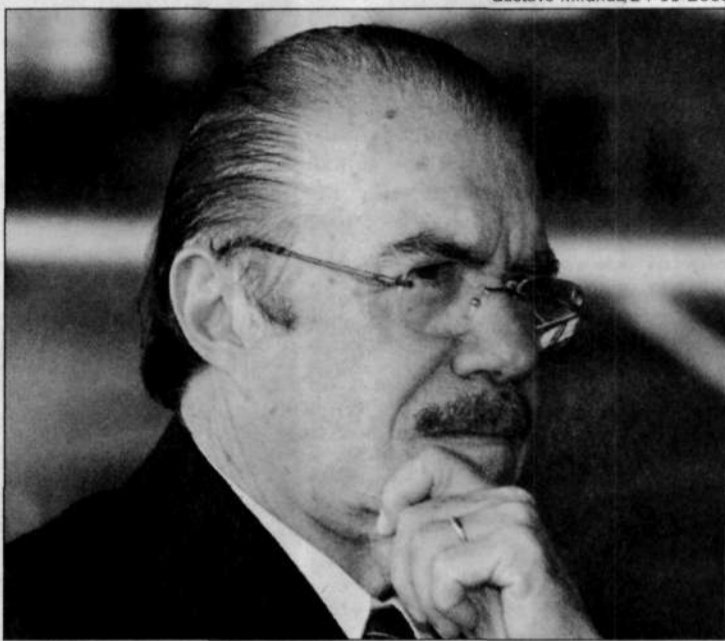
SARNEY: Foi quando fui eleito
governador do Maranhão. Ti-
nha 35 anos. Todo político tem
desejo de governar seu esta-
do. É o cargo mais ambiciona-
do e o que mais realiza.

**A Presidência é uma angús-
tia?**

SARNEY: No estado, você está
vendo as coisas acontecerem.
Na Presidência, está desejando
que as coisas aconteçam. Go-
vernei num período de extrema
dificuldade. Assumi sem que o
Ministério fosse meu, sem que
as pessoas fossem escolhidas
por mim. Não conhecia o pro-
grama de governo, não sabia as
articulações feitas pelo nosso
grande Tancredo Neves.

Como foi sair do governo?

SARNEY: Um verdadeiro mila-
gre. Na frente do palácio esta-
vam dois grupos: um que queria
me ir porque era do Collor, e
outro que também queria me
vaiair, e era contra Collor. Cha-
mei minha família e disse: va-
mos descer, sei que cumpri meu



JOSÉ SARNEY: "No mundo moderno, ninguém governa sem coalizão"

dever e dei uma grande colabo-
ração ao Brasil. Quando, na ram-
pa, tirei meu lenço branco e fiz o
sinal da despedida, aí aconteceu
o milagre, que atribuo à Irmã
Dulce: os dois grupos que esta-
vam lá ficaram meio perplexos e
começaram a bater palmas.

O senhor diz não ficar à

**vontade no poder, mas dizem
que hoje manda até mais que
em seu governo, porque não
tem o Dr. Ulysses Guimarães,
como se dizia à época...**

SARNEY: Isso foi uma intriga
que fizeram para me incompati-
bilizar com o governo (do Lu-
la). Ciúme. Nunca mandei nem
procurei mandar.

**Como o senhor acha que o
PT lida com o poder?**

SARNEY: Algumas pessoas têm
uma noção diferente de governo
e de poder. Pensam que o poder
é uma coisa que a gente exerce
para poder tudo, para modificar
tudo, o mundo. Esse poder, só
quem tem é Deus. Outra coisa é
o governo. No mundo moderno,
ninguém governa sem coalizão.

**O senhor assistiu ao filme
"Entreatos" (que narra o fim
da campanha de 2002)?**

SARNEY: Ainda não.

**Já soube que o presidente
Lula, quando se refere ao se-
nhor, diz acreditar na recupe-
ração humana?**

SARNEY: Ele disse isso? Não sa-
bia. O Lula, quando se pronun-
ciou a meu respeito, e não só
hoje, foi sempre com muito re-
speito. Lembro de uma entrevista
ao GLOBO na qual faz as melho-
res referências sobre minha
conduta ética, moral e minha
presença na política brasileira.

**Ele foi um grande crítico de
seu governo, não?**

SARNEY: Mas a mim, pessoal-

mente, nunca fez uma crítica.

**Hoje, como aliados, nos mo-
mentos em que ambos conver-
saram, qual foi o momento
mais tenso e o mais feliz?**

SARNEY: Converso menos
com Lula do que vocês pen-
sam. O que sempre ouço dele
é o seguinte: "Presidente, não
esqueço a entrevista em que o
senhor disse que quando a
gente consegue que 50% das
decisões sejam cumpridas já é
uma grande vitória. Também
estou verificando isso agora".

**Qual a sua maior decepção
pessoal na política?**

SARNEY: A maior decepção foi
a conduta do governador José
Reynaldo. É impossível de ser
calculada. Não tenho a alma de
quem possa se voltar contra
uma pessoa a quem em 40 anos
só fiz elogiar e querer bem.

**O senhor atribui esse rompi-
mento a ambição política?**

SARNEY: Não, ele não tem am-
bição política. Atribuo a ou-
tras causas. É o que os france-
ses dizem quando há compli-
cação: "Cherchez la femme!".

'Casei com a política, mas a literatura foi a amante'

Sarney diz que só há uma coisa pior que dirigir
um partido político: ser presidente da Funai

O GLOBO: Quais seus planos
para quando deixar a presidên-
cia do Senado?

SARNEY: Quero ver se tenho
mais tempo esse ano para termi-
nar minhas memórias. Estou de-
vendo isso a mim mesmo e ao
país, que não entenderia que um
homem que tenha sido intelectual
não tivesse registrado em li-
vro sua experiência pessoal.

**Pretende também se dedicar
mais às questões locais, ao
Maranhão?**

SARNEY: O Maranhão está mu-
ito bem entregue para Roseana,
uma coisa que me deixa muito
feliz, ver que ela tem seu próprio
destino. Não preciso estar no
Maranhão. Roseana comanda.

**O senhor disse que não que-
ria mais se candidatar. Ainda
está pensando assim?**

SARNEY: Como tenho uma
grande vocação pública, não
tenho meios de dizer "olha, a
partir de hoje vou sair da po-
lítica", quando vejo que posso
ajudar o país. Tenho ajudado e
continuo sendo solicitado a
ajudar. Mas tenho o desejo de
dar mais atenção à literatura.
Me casei com a política, mas a
literatura foi minha amante. E
não falhei um dia com ela.

**Fala-se em seu nome para
presidir o PMDB. O senhor
gostaria?**

SARNEY: Não. Fui presidente
de partido com 29 anos. Fui vi-
ce-presidente da UDN nacional
com 34. Fui presidente da Arena,
do PDS. Só há um cargo mais es-
pinhoso que presidente de par-
tido, é presidente da Funai. Lá,
os índios vêm com o tacaie na
mão. No partido, abrem a porta
e já dizem: "Esse partido está to-
do errado! Não funciona!".

**Há solução para as tribos do
PMDB?**

SARNEY: O PMDB é um partido
extraordinário, tem uma vitali-
dade, não é um partido certi-
nho. O PMDB não toma Lexotan.
Foi o germinador de todos os
partidos brasileiros. É justo que
fique um pouco debilitado, per-
deu musculatura. Mas fizemos o
maior número de prefeituras.

**Qual o maior desafio do go-
verno nos próximos dois anos?**

SARNEY: O governo Lula ultra-

passou muitos obstáculos. Com
todas as dificuldades, retomou o
desenvolvimento econômico,
baixou a um dígito a taxa de de-
semprego. Não significa que não
tenha problemas.

Quais os piores?

SARNEY: Há problemas difíceis
de gestão, como a infra-estrutu-
ra de estradas e portos. Mas os
números macroeconômicos são
bons e a sinalizações, excelen-
tes. O povo também tem essa
percepção. O último líder brasi-
leiro que conseguiu essa empa-
tia com o povo foi Getúlio Var-
gas. Depois, passou a ser Lula.

**A experiência da senadora
Roseana, de dois governos no
Maranhão, pode ajudar o go-
verno Lula?**

SARNEY: Sei aonde vocês que-
rem me levar. Não quero me me-
ter de nenhuma maneira, até
porque é uma diminuição para
ela. Ela tem grande experiência
administrativa. Durante dois
mandatos foi a governadora
mais bem avaliada do Brasil.
Mas não tenho nada que ver
com sua escolha. Não sei se
aceita, também não sei se o pre-
sidente quer convidar.

Qual seu legado político?

SARNEY: A democracia. Nós
não apenas restauramos as ins-
tituições, nós criamos uma so-
ciedade democrática, fato que
não ocorreu em outros países
que saíram de um processo au-
toritário. Acho que meu tempe-
ramento serviu muito para isso.
Todos achavam que eu deveria
dar murro na mesa, mas eu dei-
xava que a sociedade flutuasse
muito mais. A democracia no
Brasil está consolidadíssima.

**Até outubro acreditava-se
que sua sucessão seria uma
guerra, devido à postulação
do senador Renan Calheiros.
O ano acabou e tudo se acal-
mou. Como isso se deu?**

SARNEY: É porque o senador
Sarney não é de guerra, é de paz.
Vocês ouviram de minha parte
muitas vezes que eu acompa-
nhava o processo, mas não es-
tava interferindo. Seria muito
ruim que nessa altura da vida eu
ficasse lutando para ser reeleito.
Renan sempre foi um compa-
nheiro que ao longo dos anos
esteve muito próximo. ■